



INSTITUTO DE HIGIENE E
MEDICINA TROPICAL

**2º Encontro Luso-Brasileiro
de História da Medicina Tropical**



UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
INSTITUTO DE HIGIENE E MEDICINA TROPICAL
Vol. 16, 2016, 1-208; ISSN 0303-7762

Medicina Tropical e Saúde Global:

outputs do 2º Encontro Luso-Brasileiro de História da Medicina Tropical

*Tropical Medicine and Global Health:
outputs from the 2nd Luso-Brazilian Meeting on the History of Tropical Medicine*

Isabel Amaral

Presidente do 2º Encontro Luso-Brasileiro de História da Medicina Tropical
Professora Auxiliar; Departamento de Ciências Sociais Aplicadas (DCSA)
Investigadora do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia (CIUHCT); Faculdade de Ciências e Tecnologia; Universidade NOVA de Lisboa
ima@fct.unl.pt



Na sequência da realização da segunda edição do Encontro Luso-Brasileiro de História da Medicina Tropical realizado em Lisboa, entre os dias 14 e 16 de Outubro de 2015, que congregou investigadores de vários países e de áreas disciplinares em torno de uma reflexão histórico-social sobre o papel da medicina tropical no âmbito da saúde pública global, nos séculos XIX e XX, foram selecionados um conjunto de artigos que constam desta edição especial dos Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical.

A primeira edição deste encontro sobre a medicina tropical nos espaços nacionais, coloniais e pós-coloniais (séculos XIX e XX) integrou-se nas comemorações do 110.º aniversário da fundação da Escola de Medicina Tropical de Lisboa, em 1902, e do 60º aniversário do 1.º Congresso Nacional de Medicina Tropical, realizado em Lisboa, em 1952. Esta segunda edição foi dedicada à Medicina Tropical e Saúde Global nos séculos XIX e XX, permitindo assim um alargamento do campo de reflexão no seio da história da medicina tropical, com enfoque na historiografia pós IIª Guerra Mundial.

Esta sequência de eventos marca o percurso de uma área disciplinar, a história da medicina tropical, que é ainda jovem no universo lusófono, por um conjunto diversificado de razões. A primeira delas diz respeito à utilização generalizada dos conceitos de trópicos, doenças tropicais e medicina tropical cuja historiografia tem ainda um longo caminho a desbravar. Medicina tropical e medicina nos trópicos ou nas zonas temperadas, não são conceitos sinónimos. A medicina nos trópicos alude ao exercício médico em zonas geográficas com climas temperados, em qualquer período histórico; a medicina tropical diz respeito a uma nova área disciplinar nascida na Europa na transição do século XIX para o século XX, num quadro cognitivo específico, que convoca para a agenda das patologias, um conjunto novo, o das doenças transmitidas por parasitas e vetores, para além de integrar o universo dos microorganismos. Os ciclos de vida dos parasitas de algumas doenças características dos climas temperados só forma conhecidos a partir de finais do século XIX, não só como resultado da emergência de novas especialidades científicas de

domínio biológico, como também do imperativo imperialista que conduziu as políticas externas das potências europeias para a colonização de novos territórios de clima temperado, e, como consequência, as políticas de saúde. Estas terão sido as variáveis determinantes para o advento da medicina tropical como área disciplinar autónoma, na Europa, e como consequência, em Portugal.

Ao contrário, no Brasil, que foi palco de um percurso histórico diferenciado no continente americano, a medicina tropical é reclamada como uma área disciplinar objetivada pelo concurso da aproximação microbiológica e parasitária no século XIX, sem que para o efeito tivesse necessariamente concorrido uma agenda imperialista. Daí que o 1º encontro procurasse estabelecer um diálogo entre medicina tropical nos espaços nacionais, coloniais e pós-coloniais.

De uma forma ou de outra, importa clarificar que à história da medicina tropical, quando entendida na sua matriz científica, diz respeito uma abordagem que será necessariamente diferente se provier da história, da sociologia ou da antropologia. Nesse sentido, o espaço de encontro de historiadores portugueses e brasileiros, entre 2012 e 2015, com o objetivo de criar uma tradição de intercâmbio de conhecimentos, saberes e práticas de influência interdisciplinar, catapultou a realização do 2º encontro centrado na história da medicina tropical, na sua interface com a saúde global, uma vez que, na historiografia da medicina tropical prevalecem ainda, por um lado, as contribuições alusivas a países como a Grã-Bretanha, França, Alemanha e Estados Unidos, e as regiões sob seu domínio, em particular as que se referem ao império britânico, e, por outro, uma historiografia maioritariamente dirigida para o período anterior à IIª Guerra Mundial.

Porquê um 2º Encontro Luso-Brasileiro de História da Medicina Tropical em 2015 para privilegiar contribuições no contexto do pós-guerra?

As análises históricas sobre a saúde internacional no pós-Guerra, na perspectiva da saúde global, continuam hoje a dar prioridade aos programas de erradicação de grandes epidemias como a malária, ressaltando o caráter vertical desses programas assim como as ideias e estratégias adotadas por pequenos grupos encastelados nas Nações Unidas, na Organização Mundial de Saúde e em Estados com influência sobre estas agências internacionais. Estudos recentes apontam para um quadro mais complexo, que envolve a presença de outras doenças tropicais nas agendas nacionais e internacionais, associadas a diferentes redes de *expertise*, colaboração técnico-científica e a diferentes *clusters* de atores e interesses sociais, que importa convocar também para o universo lusófono, promovendo assim uma reflexão alargada sobre o lugar da medicina tropical nas agendas do pós-guerra, tanto nos impérios pós-coloniais, como nas nações constituídas ou

reconstituídas no pós-guerra.

Este encontro foi presidido por Isabel Amaral (por Portugal) e por Jaime Larry Benchimol (pelo Brasil), teve a presença de cerca de 100 investigadores provenientes dos Estados Unidos, de Trinidad e Tobago, do México, do Brasil, da Alemanha, da Suíça, de França e de Portugal. Os temas discutidos foram distribuídos pelas quatro áreas temáticas que se seguem:

1. Atores, agentes patogénicos, doenças (com destaque para a lepra) instituições e visões da medicina tropical;
2. Políticas e redes internacionais de saúde pública no século XX;
3. Medicina tropical e ambiente;
4. Arquivos e museus – documentação e coleções.

Fizeram parte da organização deste evento o Centro Interuniversitário de História da Ciência e da Tecnologia (CIUHCT), a Faculdade de Ciências e Tecnologia e o Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa, (FCT e IHMT/UNL), a Casa de Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro, a Universidade de York (UY), e ainda, a Fundação Friedrich Ebert, como principal patrocinador. Foram constituídas três comissões: uma comissão de honra, uma comissão organizadora e uma comissão científica. A comissão de honra integrou Paulo Gadelha, Nísia Trindade Lima, Marcos Cueto, e Mitermayer G. Reis (Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ); Fernando Santana (FCT), Maria Paula Diogo e Ana Isabel Simões (CIUHCT), Paulo Ferrinho (IHMT/UNL) e Sanjoy Bhattacharya (Universidade de York). Da comissão organizadora fizeram parte: Isabel Amaral e Ana Carneiro (CIUHCT, FCT-UNL), Zulmira Hartz, Jorge Seixas, José Luís Doria e Philip Havik (IHMT), Jaime L. Benchimol e Magali Romero Sá (Casa de Oswaldo Cruz) e Sanjoy Bhattacharya (UY). Da comissão científica fizeram parte: Isabel Amaral, Ana Carneiro e Ana Rita Lobo (CIUHCT), Ana Cristina Roque (IICT), Jaime Benchimol, Magali Romero Sá, André Felipe Cândido da Silva, Marcos Cueto, Sílvio Marcus de Souza Correa, Simone Kropft, Gilberto Hofman e Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ), Nelson Sanjad (Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém-Brasil), Sandra Caponi (Universidade Federal de Santa Catarina), André Mota (universidade Federal de S. Paulo), João Rui Pita e Luís Costa (Universidade de Coimbra), Amélia Ricon-Ferraz (Universidade do Porto), Philip Havik (IHMT), Cristiana Bastos (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa), Debbie McCollin (Universidade de Trinidad e Tobago), Henrice Altink, Monica Saavedra e Sanjoy Battacharya (Universidade de York), e Stefan Wulf (Universidade de Hamburgo). Veja-se programa publicado nesta edição dos Anais.

Os trabalhos apresentados neste encontro, grande parte deles ainda voltados para uma historiografia anterior à IIª Guerra Mundial, permitiram ainda identificar os circuitos de

ideias e ideologias (que incluem materiais biológicos, agentes patogênicos, hospedeiros e doenças, profissionais de saúde, os espaços e as estratégias de controlo de doenças, bem como a disseminação de práticas profiláticas e terapêuticas consideradas bem sucedidas), à luz das peculiaridades sócio-económicas e político-administrativas de cada região e das correlações de força entre ideologias, mercados, Estados, e agências nacionais e internacionais.

Integra este volume um conjunto de 23 trabalhos selecionados que se encontram divididos em 3 blocos temáticos, bem como o guião da exposição, *Tropics, Knowledge and Medical Practices in the 20th century*.

O primeiro conjunto de artigos, uma reflexão sobre atores, doenças e instituições, particularmente no âmbito da hanseíase, do seu espaço, do seu enquadramento ou confinamento e nas respostas de enquadramento médico de diferentes realidades e espaços sociais, políticos e ideológicos; o segundo discute as políticas de saúde e as redes internacionais de construção e validação do conhecimento médico, antes e depois da IIª Guerra Mundial; e o último retrata questões que relacionam a medicina tropical com o ambiente natural.

1. Doenças, agentes patogênicos, atores, instituições e visões da medicina tropical

Luiz Damas Mora apresenta-nos um estudo sobre o seu tio-avô, *António Damas Mora e o combate às doenças tropicais em Angola (1921-1934)*, no qual reflete a sua influência para a construção de uma identidade para os Serviços de Saúde e Higiene de Angola nas primeiras décadas do século XX, assente na defesa da assistência médica à população autóctone pela criação do Programa de Assistência Médica aos Indígenas (AMI), visando não só o combate às endemias, em especial à Doença do Sono. O autor analisa também a importância de António Damas Mora como defensor do intercâmbio cultural e científico não só entre a metrópole e o espaço ultramarino, como também da diluição de fronteiras no contexto internacional, com o intuito de credibilizar a medicina tropical portuguesa, nas suas colónias, em África.

Sobre a contribuição de Vital Brazil para a medicina tropical: dos envenenamentos à especificidade da soroterapia, ReJâne Lira-da-Silva et al, apresentam-nos uma história institucional (no contexto da comemoração dos 150 anos de Vital Brazil) que reflete a contribuição de Vital Brazil para o estabelecimento de uma posição hegemónica na comunidade científica brasileira com projeção internacional, no âmbito do estudo do ofodismo e do seu tratamento, enquadrado numa abordagem pasteuriana.

Claudia de Souza et al, no artigo intitulado, *Inovações na produção do conhecimento em doenças infecciosas: his-*

tória, arte, cultura e epidemiologia, reflete sobre alguns resultados obtidos no âmbito de uma linha de investigação do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI), cujo objetivo se centra na construção de novas práticas de sensibilização da população para a promoção da saúde e valorização da inclusão social. Utiliza como recurso a realização de oficinas de “contadores de histórias” sobre as várias doenças (em particular, a leishmaniose e a tuberculose) narradas na literatura brasileira.

André Mota e Jorge Augusto Carreta, apresentam, em *Usos da ceroplastia na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (1930-1950)*, um estudo sobre a importância da utilização de modelos de cera no ensino da medicina na Faculdade de Medicina de São Paulo entre 1930 e 1950, procurando refletir sobre a consolidação do saber médico a partir da observação direta, sobre a rede de atores envolvidos na vulgarização da técnica da ceroplastia no Brasil e ainda da importância desta abordagem para o surgimento da dermatologia e da medicina legal, como especialidades médicas autónomas.

Entre o sonho e a loucura: imigrantes portugueses no Hospital do Juquery, São Paulo – década de 1930, Ewerton Silva apresenta-nos um estudo sobre a integração dos imigrantes portugueses em S. Paulo, na década de 1930, salientando as dificuldades inerentes ao logro do sonho colonial, em particular no domínio da saúde mental e das políticas encetadas para controlo dos desvios comportamentais, enraizadas no discurso psiquiátrico da imigração no Brasil.

Jean-Paul Bado, no seu artigo sobre a *Medicina empírico-metafísica e medicina moderna em África*, reflete sobre a importância da construção de um discurso metafísico-científico pela população africana numa perspetiva internalista, procurando descentralizar a medicina tradicional das narrativas colonialistas e eurocêtricas.

1.1. Asilos e leprosários: espaços de confinamento social e médico nos trópicos

Giovana Galvão Tavares et al, em *Território da lepra: a criação e consolidação do Refúgio dos Leprosos em Anápolis, Goiás, Brasil (1930-1970)* discutem a problemática da territorialidade dos leprosos e da lepra em Anápolis – um território de migrantes, no Centro Oeste do Brasil – entre 1930 e 1970, recorrendo à análise das narrativas dos utentes, familiares e do leprosário. Pretendem dar resposta a questões como a formação do território do refúgio e isolamento, o tipo de atores que utilizavam esse espaço e ainda como é que cada um deles interpretava esse confinamento territorial no qual vivia.

A lepra no estado do Espírito Santo (1930-1943): a construção do Leprosário Colônia de Itanhenga é uma contribuição de Luiz Barros, que uma vez mais reflete o combate à hanseníase no Brasil, desta feita no estado de Espírito Santo, numa perspectiva de reflexão sobre os ditames das adaptações de espaço arquitetônico e de cuidados de saúde e de isolamento, em função da ordem política e ideológica que privilegiava a centralização de medidas para o combate ao avanço epidêmico da doença do país.

Keila Carvalho, em *De doença endêmica a flagelo nacional – a medicalização da lepra no Brasil (1920-1940)*, faz uma reflexão sobre o combate à doença no Brasil no século XX, analisando a forma como as determinações das conferências internacionais sobre a lepra tiveram impacto no país, que transitou de um “problema ignorado e abandonado” pelo Estado a “flagelo nacional”, entre 1920 a 1940, resultando de negociações sociais dentro da própria comunidade científica. Partindo da forma como a escolha das medidas profiláticas era feita para controlar a doença, a autora procura refletir sobre os diferentes significados que foram sendo atribuídos à lepra, no contexto brasileiro, ao longo do período em estudo.

Lilian Souza analisa no seu artigo intitulado *Órfãos da saúde pública: vozes da infância da lepra no Brasil*, com base em elementos de história oral e de pesquisa documental, o impacto da sociabilização ou re-sociabilização dos filhos de pais portadores de doença. No Brasil, nas primeiras décadas do século XX, a assistência à infância ocupava uma posição cimeira, como baluarte da modernização nacional que legitimaria a saúde pública para uma intervenção coerciva e disciplinadora, na qual estes órfãos de pais com lepra se situavam.

Luís Costa, no seu artigo sobre a *Leprosaria de Cumura: história, etnografia e fotografia – interceções*, pretende refletir sobre o território e o confinamento dos doentes portadores de lepra na Guiné portuguesa, após a IIª Guerra Mundial, numa narrativa que cruza elementos históricos com elementos etnográficos, e que são ilustrados pelo elemento pictórico, indicadores da evolução daquela instituição, dos doentes e dos seus cuidadores religiosos, no contexto das políticas de saúde integradas no ideário da ocupação colonial portuguesa, em África.

2. Políticas e redes internacionais de saúde pública no século XX

No artigo sobre *O projeto anti-tifo da Fundação Rockefeller em Espanha: uma lição de insucesso*, Darwin H. Stapleton discute o sucesso da Fundação Rockefeller na abordagem às doenças infecciosas epidémicas, como da

mobilidade dos refugiados após a Iª Guerra, entre 1920 e 1930. Analisa o projeto que a Fundação desenvolveu e apoiou em Espanha, durante uma epidemia de tifo, após o término da guerra civil espanhola, procurando respostas no âmbito da etiologia e da prevenção da doença com recurso à vacinação que, sem sucesso, conduziram à escolha do DDT como o meio mais eficaz de combate não para o tifo como também para a malária.

Denis G. Jogas Junior, em *A Leishmaniose Tegumentar Americana e a construção do conhecimento científico entre a América do Sul e a Europa*, considerando como ponto de partida o discurso médico-científico sobre a medicina tropical, nas primeiras décadas do século XX, discute a tensão existente entre a comunidade médica da América do Sul (Brasil e Peru) e da Europa, em torno da leishmaniose tegumentar americana, procurando individualizar e/ou enquadrar diferentes manifestações produzidas pela *Leishmania*, em diferentes contextos geográficos.

A Fundação Rockefeller e a medicina tropical em São Paulo. Circuitos, redes e personagens da parasitologia médica, microbiologia e anatomia patológica (1918-1969), de autoria de Maria Gabriela Marinho, apresenta-nos uma reflexão sobre a influência da Fundação Rockefeller na medicina tropical paulista entre 1918 e 1925, convocando uma agenda que inclui atores, circuitos, redes e instituições no âmbito da parasitologia médica, microbiologia e anatomia patológica, que permitiram à Faculdade de Medicina de S. Paulo instituir-se como centro de referência em medicina tropical até 1969, num circuito de alianças, tensões e contradições científicas.

Isabel Amaral analisa *O impacto da II Guerra Mundial na obra de Aldo Castellani: a sua influência na escola portuguesa de medicina tropical (1946-1971)*, numa narrativa que pretende dar a conhecer o percurso da internacionalização da medicina tropical portuguesa, refletindo sobre o refúgio de Aldo Castellani em Portugal no plano científico e político, dando assim a conhecer a sua fase portuguesa, partindo do estudo do espólio legado ao Instituto de Higiene e Medicina Tropical de Lisboa.

Em *A higiene rural nos primórdios da Organização Mundial de Saúde: outra vítima da Guerra Fria?* Socrates Litsios analisa e discute o impasse criado durante o período da Guerra Fria, na década de 50, no apoio aos projetos prioritários de higiene rural desenvolvidos e valorizados em vários países, desde a Organização de Saúde da Liga das Nações até à Organização Mundial de Saúde, ao mesmo tempo que caracteriza a influência política na definição das políticas de saúde à escala global como mote de desenvolvimento civilizacional.

Rita Lobo e João Lourenço Monteiro refletem sobre *a trajetória de Francisco Cambournac na Organização Mundial de Saúde (1952-1964)*, contribuindo para esclarecer alguns elementos menos conhecidos da biografia de Cambournac, durante o período de permanência na Organização Mundial de Saúde, como representante do governo português. Com base em bibliografia primária de arquivo, os autores discutem os meandros da escolha de Cambournac, como malariologista de referência internacional, para o *Bureau Regional* africano da OMS, na interseção dos seus interesses pessoais, do Instituto de Medicina Tropical, do Estado português e dos seus congêneres naquela organização, nascida no âmbito da saúde global pós IIª Guerra Mundial.

Ivone Manzali de Sá, com um artigo intitulado *Produtos naturais e antimaláricos: a cooperação científica entre Brasil e China na década de 1980*, apresenta-nos um estudo sobre a cooperação científica internacional entre a China e o Brasil que envolveu a circulação dos investigadores da Fundação Oswaldo Cruz e de grupos de investigadores chineses no âmbito da pesquisa de produtos naturais e antimaláricos durante a década de 1980, destacando-se as ações desenvolvidas para a produção de um medicamento antimalárico a partir da *Artemisia annua*.

3. Medicina tropical e ambiente

Diego Peral e FJ Suárez-Guzmán apresentam-nos uma reflexão sobre os *Cuidados de Saúde contra a febre-amarela no sudoeste da Extremadura (Espanha) no século XIX* centrando-se nas epidemias de febre-amarela, em Espanha, nesse século, procuram analisar e discutir as medidas de saúde pública utilizadas no sudoeste da Extremadura, recorrendo ao estudo dos arquivos municipais e paroquiais de vários municípios, para concluir que o controle dos vetores (que historicamente acompanhou o desenvolvimento das cidades) continua a preencher a agenda da medicina contemporânea.

Com o título *Para que os jovens médicos paraguaios exercitem uma dupla missão, científica e patriótica: a contribuição do naturalista e botânico Moisés Santiago Bertoni (La Civilización Guaraní, 1922-1927)*, Eliane Fleck apresenta-nos o posicionamento do naturalista suíço, Moisés Santiago Bertoni (face aos conhecimentos de *Materia*

Medica deixados pelos jesuítas entre finais do séc. XIX e o início do século XX), com enfoque no ambiente natural e humano dos indígenas guaranis na América do Sul (particularmente Argentina e Paraguai) para deixar uma mensagem muito clara aos médicos: por um lado o dever de valorizarem a flora e a fauna nativa, como veículos de cura; por outro, pela revalorização do indígena, como essência da identidade nacional, portadora de saberes e práticas da farmacopeia americana.

Ainda no âmbito da história natural, Wellington Filho apresenta-nos *A natureza brasileira nas farmacopeias do Frei João de Jesus Maria*, com base no estudo das publicações de Frei Jesus Maria, *Pharmacopea Dogmatica Medicochimica, e Teórico-prática* e *Historia Pharmaceutica das Plantas Exóticas*, que seguindo a classificação lineana e os ideais de ilustração de Domenico Vandelli, procura assumir uma posição, nem sempre clara, entre a necessidade de encontrar uma forma objetiva de inventariar a flora colonial portuguesa e as práticas de cura tradicionais utilizadas pelos nativos, a partir das mesmas espécies. Este posicionamento reflete também o percurso da profissionalização dos boticários no século XVIII português, no qual Frei João Maria se inscreve.

Em *Doenças endémicas e epidémicas em Lourenço Marques no início do século XX: processos de controlo versus desenvolvimento urbano*, Ana Cristina Roque, partindo da análise da documentação da Direção dos Serviços de Saúde e da Direção de Obras Públicas, reflete sobre a eficácia e os resultados das reformas dos serviços de saúde, designadamente no referente à assistência médica ao indígena, como resultado do desenvolvimento urbano e da necessidade de implantação do sistema colonial em Moçambique.

Planos integrados, lagos artificiais e medicina tropical – o caso de Cahora Bassa nos anos 1960-1970, da autoria de Ana Paula Silva, é um artigo que pretende suscitar algumas questões de impacto ambiental na saúde da população moçambicana durante a construção da albufeira da barragem de Cahora Bassa, em Moçambique, realizado pelo governo português nos anos 60-70 do século XX.

Possam estas contribuições ajudar a consolidar um grupo de investigação em História da Medicina Tropical e assim contribuir para a constituição de uma rede mais alargada de investigadores e interesses temáticos, capaz conferir a esta área de investigação a sua identidade própria.